Sonetos Amorosos

XLI

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma partindo-se ficava;
Que o pastor na memória a debuxava,
Por poder sustentar-se deste engano.

Por uma praia do Índico Oceano
Sobre o curvo cajado se encostava,
E os olhos pelas águas alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.

“Pois com tamanha mágoa e saudade,
— Dizia — quis deixar-me a que eu adoro,
Por testemunhas tomo Céu e estrelas;

Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levai também as lágrimas que choro,
Pois assim me levais a causa delas.”

Sonetos Amorosos

XLII

Quando vejo que o meu destino ordena
Que, por me experimentar, de vós me aparte,
Deixando de meu bem tão grande parte
Que a mesma culpa fica grave pena;

O duro desfavor que me condena,
Quando pela memória se reparte,
Endurece os sentidos de tal arte
Que a dor da ausência fica mais pequena.

Mas como pode ser que na mudança
Daquilo que mais quero estê tão fora
De me não apartar também da vida?

Eu refrearei tão áspera esquivança;
Porque mais sentirei partir, Senhora,
Sem mentir muito a pena da partida.

Sonetos Amorosos

XLIII

Depois de tantos dias mal gastados,
Depois de tantas noites mal dormidas,
Depois de tantas lágrimas vertidas,
Tantos suspiros vãos vãmente dados;

Como não sois vós já desenganados,
Desejos, que de coisas esquecidas
Quereis remediar mortais feridas
Que Amor fez sem remédio, o Tempo, os Fados?

Se não tivéreis já experiência
Das sem-razões de Amor, a quem servistes,
Fraqueza fora em vós a resistência.

Mas pois por vosso mal seus males vistes,
Que o tempo não curou longa ausência,
Que bem dele esperais, desejos tristes?

Sonetos Amorosos

XLIV

Náiades, vós que os rios habitais,
Que os saudosos campos vão regando,
De meus olhos vereis estar manando
Outros, que quase aos vossos são iguais.

Dríades, vós, que as setas atirais,
Os fugitivos cervos derrubando,
Outros olhos vereis que, triunfando,
Derrubam corações, que valem mais.

Deixai as aljavas logo, e águas frias,
E vinde, Ninfas minhas, se quereis,
Saber como de uns olhos nascem mágoas.

Vereis como se passam em vão os dias;
Mas não vireis em vão, que cá achareis
Nos seus as setas, e nos meus as águas.

Sonetos Amorosos

XLV

O cisne, quando sente ser chegada
A hora que põe termo à sua vida,
Música com voz alta e bem subida
Levanta pela praia inabitada.

Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viver a despedida;
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.

Assim, Senhora minha, quando via
O triste fim que davam os meus amores,
Estando posto já no extremo fio,

Com mais suave canto e harmonia
Descantei pelos vossos desfavores
La vuestra falsa fe y el amor mio.

Sonetos Amorosos

XLVI

Pelos extremos raros que mostrou
Em saber Palas, Vénus em formosa,
Diana em casta, Juno em animosa,
África, Europa e Ásia as adorou.

Aquele saber grande que juntou
Espírito e corpo grande em liga generosa,
Esta mundana máquina lustrosa,
De só quatro Elementos fabricou.

Mas mor milagre fez a natureza
Em vós, Senhoras, pondo em cada uma
O que por todas quatro repartiu.

A vós seu resplendor deu Sol e Lua,
A vós com viva luz, graça e pureza,
Ar, Fogo, Terra e Água vos serviu.

Sonetos Amorosos

XLVII

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

Sonetos Amorosos

XLVIII

Se as penas com que Amor tão mal me trata
Quiser que tanto tempo viva delas
Que veja escuro o lume das estrelas,
Em cuja vista o meu se acende e mata;

E se o tempo, que tudo desbarata,
Secar as frescas rosas, sem colhê-las,
Mostrando a linda cor das tranças belas
Mudada de ouro fino em bela prata;

Vereis, Senhora, então também mudado
O pensamento e aspereza vossa,
Quando não sirva já sua mudança.

Suspirareis então pelo passado,
Em tempo quando executar-se possa
Em vosso arrepender minha vingança.

Sonetos Amorosos

XLIX

Quem pode livre ser, gentil Senhora,
Vendo-vos com juízo sossegado,
Se o Menino que de olhos é privado,
Nas meninas dos vossos olhos mora?

Ali manda, ali reina, ali mora,
Ali vive das gentes venerado;
Que o vivo lume e o rosto delicado
Imagens são, nas quais o Amor se adora.

Quem vê que em branca neve nascem rosas
Que fios crespos de ouro vão cercando,
Se por entre esta luz a vista passa,

Raios de ouro verá, que as duvidosas
Almas estão no peito traspassando,
Assim como um cristal o Sol trespassa.

Sonetos Amorosos

L

“Como fizeste, ó Porcia, tal ferida?
Foi voluntária ou foi por inocência?”
“É que Amor fazer só quis experiência
Se podia sofrer tirar-me a vida.”

“E com teu próprio sangue te convida
A que faças à morte resistência?”
“É que costume faço da paciência,
Porque o temer morrer me não impida.”

“Pois porque estás comendo fogo ardente,
Se a ferro te costumas?” “É que ordena
Amor que morra, e pene juntamente.”

“E tens a dor do ferro por pequena?”
“Sim; que a dor costumada não se sente.
E não quero eu a morte sem a pena.”

Sonetos Amorosos

LI

Eu me aparto de vós, Ninfas do Tejo,
Quando menos temia esta partida;
E se a minha alma vai entristecida,
Nos olhos o vereis com que vos vejo.

Pequenas esperanças, mal sobejo,
Vontade, que Razão leva vencida,
Asinha darão fim à triste vida,
Se vos não torno a ver como desejo.

Nunca a noite, entretanto, nunca o dia
Verão de mim partir vossa lembrança,
Amor, que vai comigo, o certifica.

Por mais que na tornada haja tardança,
Sempre me farão triste companhia
Saudades do bem que em vós me fica.

Sonetos Amorosos

LII

Vossos olhos, Senhora, que competem
Com o sol em formosura e claridade,
Enchem os meus de tal suavidade
Que em lágrimas, de vê-los se derretem.

Meus sentidos prostrados se submetem
Assim cegos de tanta divindade
E da triste prisão, da escuridade,
Cheios de medo, por fugir remetem.

Porém se nisto me vedes, por acerto,
Esse áspero desprezo, com que olhais,
Torna a esperar a alma enfraquecida.

Ó gentil cura e estranho desconcerto!
Que fará o favor que vós não dais,
Quando o vosso desprezo torna a vida?

Sonetos Amorosos

LIII

Formosura do Céu a nós descida
Que nenhum coração deixais isento
Satisfazendo a todo o pensamento
Sem seres de nenhum bem entendida;

Que língua haverá tão atrevida
Que tenha, de louvar-te, atrevimento,
Pois a parte melhor do entendimento
No menos que em ti já se vê perdida?

Se em teu valor contemplo, a melhor parte
Vendo que abre na terra um paraíso,
Logo o engenho me falta, o espírito mingua.

Mas o que mais me tolhe ainda louvar-te
É que, quando te vejo, perco a língua,
E, quando te não vejo, perco o siso.

Sonetos Amorosos

LIV

Pois meus olhos não cansam de chorar
Tristezas, que não cansam de cansar-me;
Pois não abranda o fogo, em que abrasar-me
Pôde quem eu jamais pude abrandar.

Não canse o cego Amor de me guiar
A parte donde não saiba tornar-me;
Nem deixe o mundo todo de escutar-me,
Enquanto me a voz fraca não deixar.

E se em montes, rios, ou em vales,
Piedade mora, ou dentro mora Amor
Em feras, aves, plantas, pedras, águas,

Ouçam a longa história de meus males
E curem sua dor com minha dor;
Que grandes mágoas podem curar mágoas.

Sonetos Amorosos

LV

Dai-me uma lei, Senhora, de querer-vos,
Que a guarde, sob pena de enojar-vos;
Pois a fé, que me obriga a tanto amar-vos,
Fará que fique em lei de obedecer-vos.

Tudo me defendei, senão só ver-vos
E dentro na minh'alma contemplar-vos;
Que, se assim não chegar a contentar-vos,
Ao menos que não chegue a aborrecer-vos.

E, se essa condição cruel e esquiva
Que me deis lei de vida não consente,
Dai-ma, Senhora, já, seja de morte.

Se nem essa me dais, é bem viva,
Sem saber como vivo, tristemente,
Mas contente porém de minha sorte.

Sonetos Amorosos

LVI

Com grandes esperanças já cantei,
Com que os deuses no Olimpo conquistara;
Depois vim a chorar, porque cantara;
E agora choro já, porque chorei.

Se cuido nas passadas que já dei,
Custa-me esta lembrança só tão cara
Que a dor de ver as mágoas, que passara,
Tenho pela mor mágoa, que passei.

Pois logo, se está claro que um tormento
Dá causa que outro n'alma se acrescente,
Já nunca posso ter contentamento.

Mas esta fantasia se me mente?
Oh! ocioso e cego pensamento!
Ainda eu imagino ser contente!

Sonetos Amorosos

LVII

Depois que quis Amor que eu só passasse
Quanto mal já por muitos repartiu,
Entregou-me à Fortuna, porque viu
Que não tinha mais mal que em mim mostrasse.

Ela, porque do Amor se avantajasse
Na pena a que o Céu me permitiu,
O que para ninguém se consentiu,
Para mim só mandou que se inventasse.

Eis-me aqui vou, com vário som, gritando,
Copioso exemplário para a gente
Que destes dous tiranos é sujeita,

Desvarios em versos concertando
Triste quem seu descanso tanto estreita
Que deste tão pequeno está contente!

Sonetos Amorosos

LVIII

Em prisões baixa fui um tempo atado,
Vergonhoso castigo de meus erros;
Inda agora arrojando levo ferros
Que a Morte, a meu pesar, tem já quebrado.

Sacrifiquei a vida a meu cuidado,
Que Amor não quer cordeiros nem bezerros;
Vi mágoas, vi misérias, vi desterros:
Parece-me que estava assim ordenado.

Contentei-me com pouco, conhecendo
Que era o contentamento vergonhoso,
Só por ver que cousa era viver ledo.

Mas minha estrela, que eu já agora entendo,
A Morte cega e o Caso duvidoso,
Me fizeram de gostos haver medo.

Sonetos Amorosos

LIX

No tempo que de Amor viver soía,
Nem sempre andava ao remo ferrolhado;
Antes agora livre, agora atado,
Em várias flamas variamente ardia.

Que ardesse num só fogo, não queria
O Céu, porque tivesse experimentado
Quem nem mudar as causas ao cuidado
Mudança na ventura me faria.

E se algum pouco tempo andava isento,
Foi como quem co peso descansou,
Por tornar a cansar-me com mais alento.

Louvado seja Amor em meu tormento,
Pois para passatempo seu tomou
Este meu cansado sofrimento!

Sonetos Amorosos

LX

Amor, que o gesto humano n'alma escreve,
Vivas faíscas me mostrou um dia,
Donde um puro cristal derretia
Por entre vivas rosas e alva neve.

A vista, que em si mesma não se atreve,
Por se certificar do que ali via,
Foi convertida em fonte, que fazia,
A dor ao sofrimento doce e leve.

Jura Amor que brandura de vontade
Causa o primeiro efeito; o pensamento
Endoudece, se cuida que é verdade.

Olhai como Amor gera em um momento,
De lágrimas de honesta piedade,
Lágrimas de imortal contentamento.